

UM OLHAR OUTRO

Comungo das dores e anseios da Humanidade. Sofro com aqueles que, à minha volta, se exprimem às vezes em termos de revolta perante a dor ou a morte. E não me sinto diminuído quando as pessoas esperam do padre uma resposta diferente, que seja solução ao menos parcial, e me olham de algum modo frustradas quando lhes digo que também eu faço as mesmas perguntas. Mais ainda, insisto até que exprimam a sua revolta sem limitações de linguagem ou ultrapassando os códigos sociais e morais.

É missão comungar do mistério, estar ao lado em silêncio e assumir a não-solução. Como é missão também ajudar a situar-se dentro do mistério, mesmo sem mostrar que se procura solução.

Parece-me ser de destacar que, ao contrário do que seria expectável, a cultura de hoje está muito menos preparada para lidar com o sofrimento ou a morte. Não estamos de facto preparados para aquilo que se torna inevitável contemplar num acidente grave, numa cama de hospital, numa sala de operações, ou numa morgue. Afinal, sempre que o tema se nos impõe procuramos fugir-lhe logo que possível, ouvindo-se às vezes logo de início uma voz a pôr termo ao assunto. Não sabemos estar lá (no sofrimento ou na morte), nem no dos outros, nem no nosso.

O rol das desgraças, dos crimes passionais, dos suicídios e homicídios, da violência doméstica, da agressividade mórbida e gratuita não é excepção. Tornou-se regra nos media diários, o que gera, inevitavelmente, uma insensibilidade colectiva, tornando-se «normal» no quotidiano.

O mediatismo de alguns casos alimenta especulações, enche páginas de jornais e contribui para um certo voyeurismo colectivo, que, desdramatizando, também vai desumanizando.

Nestes cenários, não há fronteiras geográficas, quais «cercas sanitárias», que só acontecem aos outros, longe de nós. O número de suicídios, de violência doméstica e também de acidentes mortais aumenta nas aldeias como nas cidades. Fala-se pouco deles, até porque os funerais, demasiado «rápidos» parecem encerrar mais o assunto do que o cadáver. Não se fala, nem convém falar. E na missa de sétimo dia, quando existe, já pouco resta de «presença» na partilha de um luto, que se tornou mais formal do que expressão de sentimentos. Quantas vezes tenho eu afirmado que «a morte em Barcelos é fria»! E se a morte é fria, será que a vida é «quente», isto é sábia de valores e plena de relações familiares e sociais?

Momento por natureza delicado, o funeral é bem revelador da sociedade que temos e dos valores que a habitam. Num dos funerais a que presidi, já lá vão uns anos, alguém da família se me apresentou para se justificar dizendo «não estranhe se nós não respondermos, pois nós não gastamos disso». Claro que o respeito pelo defunto me levou a dar dignidade ao acto, ao menos ritual, na esperança de que nem todos seriam da família, dita descrente. Mas fez-me pensar no modo como acolher uma família em luto e com ela preparar o funeral, que deveria ser religioso se a família «gasta disso» ou civil, dado que o simples facto de sermos humanos exige um ritual de adeus, diferente do dos animais. Que dizer destas mortes celebradas sem rituais, sem cerimónias, sem público até (ai algumas «últimas vontades» que só revelam o egoísmo com que se viveu!), quando já se celebram rituais de adeus aos bichinhos de estimação! Outrora abundavam os estandartes das confrarias, associações religiosas que, representadas no funeral, testemunhavam publicamente as diversas pertenças do finado, todas elas marcadas por crenças e serviços à comunidade. Clubes e associações laicas, às vezes de militância política, impõem-se por vezes para cobrirem os caixões com os seus estandartes. Serão eles suficientemente consensuais para não darem azo a juízos de valor sobre a personalidade do falecido ou se tornarem ocasião de discórdia entre grupos ou famílias?

Mas, afinal, o que se celebra num funeral religioso? O termo da vida terrena de um baptizado, que é, na fé que supostamente o animou ao longo da vida, o início da vida eterna, uma vida em Deus e com Deus. E como dizer esta verdade numa assembleia que se diz descrente, estando sem estar e alheia à celebração?

No mínimo, desconfortável para quem tem de dizer uma palavra de esperança, de conforto e de abertura ao transcendente. Há, de facto, funerais que deveriam prescindir dos rituais religiosos.

O Prior - P. Abílio Cardoso

PREPARAÇÃO DO BAPTISMO

Na próxima quarta-feira, dia 15 às 21.00 nas salas de catequese, haverá reunião de preparação para o Baptismo destinada a todas as famílias com crianças para baptizar nos próximos meses e para todos aqueles que pretendam assumir o múnus de padrinhos, em Barcelos ou noutras paróquias.



O P. António Silvío Couto, natural de Forjães e pároco na Moita, diocese de Setúbal, acaba de publicar mais um livro, desta vez sobre as parábolas de Jesus. Ele, cronista habitual e comentador semanal dos acontecimentos do quotidiano, quis lançar este seu livro numa data

particularmente significativa para ele, e da sua ordenação sacerdotal, que o é também para o Prior, ambos ordenados a 17 de Julho (1977, o Prior e 1983 o P. Silvío).

Este livro vai ser apresentado na próxima sexta-feira, às 21.30 nas salas da catequese (talvez no exterior, conforme as condições de modo a serem respeitadas as regras que se impõem por causa da pandemia), a todos aqueles que desejarem passar um serão agradável, de ordem cultural e convivial. O Prior espera ver os seus paroquianos interessados neste acto cultural.

«Para este investigador (Jean Druel), um dos aspectos do drama da nossa época resultou da ingenuidade de se ter acreditado que, fazendo calar as religiões e os crentes, se ia conseguir viver num mundo de paz. Pensou-se também que o estudo histórico dos dogmas e das práticas religiosas neutralizaria o potencial de violência que se abriga nas religiões. Aconteceu precisamente o contrário. Precisamos, como nunca, de dialogar, de nos sentirmos confrontados com as nossas próprias crenças e narrativas. De escutar os nossos próprios mundos interiores provocados no confronto com os outros. Também eles habitados por mundos que talvez desconheçam. O objectivo do diálogo não é o de procurar estar de acordo, mas de tentar descobrir as raízes das diferenças. Vamos, assim, tornando-nos adultos na fé, livres e felizes de sermos diferentes».

Frei Bento Domingues, in Público, 28/06/2020

MARIA CARDOSO FERREIRA

Faleceu Maria Cardoso Ferreira, de 96 anos, a 03 de Julho, ela que era viúva de Manuel Arménio Ferreira da Silva Correia. O funeral foi celebrado no domingo, dia 05, com missa às 15.30 na Igreja da Misericórdia. A missa de 7º dia foi celebrada ontem, dia 11, e a de 30º dia será a 04 de Agosto, às 19.00, na Igreja Matriz. Que descanse em paz.



Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XVI - Nº 28 - 12 de Julho de 2020

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Eu, terreno infértil ou chão fértil?

No domingo passado terminei a homilia com uma questão, que deixei em suspenso, dirigida, antes de mais, a mim próprio e a todos os que nos dizemos cristãos: «que fizemos nós ou como chegámos ao ponto de termos transformado a mensagem de Jesus num «jugo pesado e numa carga insuportável», quando Jesus nos convida a ir ter com Ele porque, diz, «o meu jugo é suave e a minha carga é leve?»



Dois capítulos a seguir, no mesmo evangelho de Mateus, somos confrontados hoje com

a parábola do semeador, que nos deixa uma nova interpelação, aliás no mesmo sentido: se a semente é de boa qualidade, que estamos nós a fazer para que ela não dê fruto?

A questão vale para todos os que ouvem a palavra de Deus. E vale também para todos num outro sentido: o de missão. Sendo nós, como ouvintes da Palavra, chamados à mis-

são de a semear nos outros, porque é que a semente não é acolhida ou não germina no coração dos que nos rodeiam?

Eis-nos assim diante de uma dupla interpelação: como acolho a Palavra de Deus? Como a proponho aos outros? Na sequência da parábola, todos percebemos que são muito diversas as maneiras de receber a Palavra de Deus: nalguns ela encontra um coração de pedra, noutros, um coração duro em que, apesar de tudo, ainda germina por algum tempo, e noutros encontra um terreno preparado, cuidado, acolhedor...

Entretanto, desde a sementeira até à colheita o processo corre vários riscos e exige permanente cuidado. Olhando para o final do processo, vemos que a parábola se torna uma mensagem de esperança.

A semente que é a Palavra de Deus anuncia o Reino de Deus. É necessário cuidar-se para que ela germine no coração de cada um.

Se o grão de trigo, que cai na terra, não morrer de alegria, Fica sozinho e triste, e morre de desgosto E solidão E fogo posto.

Mas se morrer de alegria, Dará muito fruto, E verá longos dias, Cheios de alegrias e de ave-marias.

A nossa mesa encher-se-á de pão, E virão Os pardais e as cotovias Partilhar a nossa refeição.

Como é bom, como é belo, Viverem unidos os irmãos, Sentados à beira da torrente Da paz e da alegria, À beira da nascente de onde nasce o dia.

Abençoa, Senhor, o nosso coração, Estende, com a tua mão, Uma toalha branca à nossa mesa, E senta-te connosco, À volta da tua lareira sempre acesa.

Como é bom estarmos aqui, Senhor, Mesmo sem tendas levantadas, Basta-nos o teu amor E as nossas mãos nas tuas entrançadas.

António Couto

SUSPENSÃO DE MISSAS NO VERÃO

Como acontece desde há muitos anos, no período de Verão são suspensas as missas das 12.15 no Senhor da Cruz e, desde há alguns anos, também a das 15.30 na Igreja do Terço. A única razão para tal sempre foi e é a acentuada redução do número de participantes, agora mais agravada no retomar das celebrações em contexto de pandemia.

Assim, já no próximo domingo, 19 de Julho, não haverá tais celebrações.

Elas serão retomadas, em princípio e seguindo o que estava previsto no Plano de Actividades, elaborado numa altura em que não se falava sequer da hipótese de uma pandemia, no domingo, 13 de Setembro.

Assim, já no próximo domingo, 19 de Julho, não haverá tais celebrações.

Elas serão retomadas, em princípio e seguindo o que estava previsto no Plano de Actividades, elaborado numa altura em que não se falava sequer da hipótese de uma pandemia, no domingo, 13 de Setembro.

Assim, já no próximo domingo, 19 de Julho, não haverá tais celebrações.

Elas serão retomadas, em princípio e seguindo o que estava previsto no Plano de Actividades, elaborado numa altura em que não se falava sequer da hipótese de uma pandemia, no domingo, 13 de Setembro.

Assim, já no próximo domingo, 19 de Julho, não haverá tais celebrações.

Elas serão retomadas, em princípio e seguindo o que estava previsto no Plano de Actividades, elaborado numa altura em que não se falava sequer da hipótese de uma pandemia, no domingo, 13 de Setembro.

Assim, já no próximo domingo, 19 de Julho, não haverá tais celebrações.

Elas serão retomadas, em princípio e seguindo o que estava previsto no Plano de Actividades, elaborado numa altura em que não se falava sequer da hipótese de uma pandemia, no domingo, 13 de Setembro.

Assim, já no próximo domingo, 19 de Julho, não haverá tais celebrações.

Elas serão retomadas, em princípio e seguindo o que estava previsto no Plano de Actividades, elaborado numa altura em que não se falava sequer da hipótese de uma pandemia, no domingo, 13 de Setembro.

Assim, já no próximo domingo, 19 de Julho, não haverá tais celebrações.

Elas serão retomadas, em princípio e seguindo o que estava previsto no Plano de Actividades, elaborado numa altura em que não se falava sequer da hipótese de uma pandemia, no domingo, 13 de Setembro.

Assim, já no próximo domingo, 19 de Julho, não haverá tais celebrações.

Elas serão retomadas, em princípio e seguindo o que estava previsto no Plano de Actividades, elaborado numa altura em que não se falava sequer da hipótese de uma pandemia, no domingo, 13 de Setembro.

Assim, já no próximo domingo, 19 de Julho, não haverá tais celebrações.

Elas serão retomadas, em princípio e seguindo o que estava previsto no Plano de Actividades, elaborado numa altura em que não se falava sequer da hipótese de uma pandemia, no domingo, 13 de Setembro.

CARTÓRIO ENCERRADO

Por motivo de férias da nossa colaboradora, o Cartório Paroquial estará encerrado de 13 até 19 de Julho.

Para qualquer assunto poderão sempre contactar o Pároco, de preferência por SMS ou email (966201411/paroquiadebarcelos@sapo.pt).

Voltará a estar encerrado na quinzena de 3 a 17 de Agosto, pelo mesmo motivo.

O Prior - P. Abílio Cardoso

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
XV DOMINGO DO TEMPO COMUM

**A semente caiu em boa terra
e deu muito fruto**

SEGUNDA, 13 – S. Henrique

Leituras: Is 1, 10-17
Mt 10, 34-11, 1

09.00 (Senhor da Cruz): Manuel Gonçalves Coutinho

15.30 (Terço): Domingos Sousa da Silva e filha

19.00 (Matriz): M.^a Dulcinia dos Santos Duarte Vasconcelos
(23º aniv.)

TERÇA, 14 – S. Camilo de Lelis

Leituras: Is 7, 1-9
Mt 11, 20-24

09.00 (Senhor da Cruz): Carmo da Glória Martins
e Fernando Agra

19.00 (Matriz): Andreia Sofia Ramos Vieira

QUARTA, 15 – S. Boaventura

Leituras: Is 10, 5-7. 13-16
Mt 11, 25-27

09.00 (Senhor da Cruz): Em honra da Sagrada Família

15.30 (Terço – Intenções colectivas):

- Em honra de Santa Lúzia

- Maria de Lurdes Oliveira Barbosa

- Maria José Maia Silvério Oliveira (aniv.)

Matriz (19.00): Manuel Celso da Silva Cunha, pais e avós

QUINTA, 16 – Nossa Senhora do Carmo

Leituras: Is 26, 7-9. 12. 16-19
Mt 11, 28-30

08.00 (São José): José Narciso da Costa Alves e sogros

09.00 (Senhor da Cruz): Pelos agonizantes e moribundos

15.30 (Terço): Maria de Lurdes Oliveira Barbosa

19.00 (Matriz – Intenções colectivas):

- Maria da Graça Pereira Faria

- Maria Aurora Pereira Pinto de Azevedo

- Roque Francisco Gonçalves Diniz (7º dia)

- Maria Celeste Costa Lima (7º dia)

SEXTA, 17 – Bb. Inácio de Azevedo e companheiros

Leituras: Is 38, 1-6. 21-22. 7-8
Mt 12, 1-8

09.00 (Senhor da Cruz – Intenções colectivas):

- Acção de graças ao Santíssimo Sacramento

15.30 (Terço): Maria Josefa de Jesus (aniv.) e filhos

19.00 (Matriz): Acção de graças pelo dom do sacerdócio

- Jorge Oliveira da Cunha

SÁBADO, 18 – S. Bartolomeu dos Mártires

Leituras: Miq 2, 1-5
Mt 12, 14-21

09.00 (Senhor da Cruz): Dulcínio Linhares de Sousa
e esposa Maria do Céu Fernandes

17.30 (São José): João Araújo Novo e familiares

19.00 (Matriz – Intenções colectivas):

- Jorge Martins da Silva Correia

- Manuel Pereira de Sousa Monteiro, esposa M.^a Amélia e família

- Maria Rosalina Lopes Coelho e filhos João Manuel e Domingos

- José Ferreira, esposa Isaura e filho José Luís

- Angelina Rosa Bessa Menezes de Sousa

- Familiares falecidos de Paulo e Ilidia

- Rui António dos Santos Correia de Oliveira (7º dia)

DOMINGO, 19 – XVI DO TEMPO COMUM

Leituras: Sab 12, 13. 16-19
Rom 8, 26-27
Mt 13, 24-43

09.00 (Senhor da Cruz): José Gonçalves Duarte
e familiares falecidos

11.00 (Matriz): Pelo povo

19.00 (Matriz): Pelos irmãos, vivos e falecidos,
da Confraria das Almas



COMO LIDAR COM OS «PÓS-CRENTES»?

1. Há sinais de que continua a haver crentes como sempre. Mas, ao mesmo tempo, crescem os indícios de que a humanidade está a tornar-se atea como nunca.

2. Já Xavier Zubiri, com vendavais de lucidez e espasmos de provocação, tinha notado que «o homem actual é, em boa medida, ateu». É óbvio que não estava a pensar apenas nos que se assumem ateus. Estava seguramente a olhar também para tantos que se confessam crentes.

3. Há pessoas que dizem crer em Deus, mas, no fundo, não se deixam conduzir por Deus. Conduzem-se por si mesmas: pelas suas aspirações, pelas suas capacidades, pelos seus recursos.

4. No limite, não seguem o Deus revelado, mas um «deus» fabricado. Parafrazeando Feuerbach, dir-se-ia que o homem está a chegar ao ponto de se tornar «deus» para ele próprio.

5. Não estamos perante um «ateísmo-contra», mas perante um «ateísmo-sem». Ou seja, estamos perante um ateísmo feito não de negação, mas de ausência.

6. Não é que Deus se tenha ausentado do homem. É o homem que se tem ausentado de Deus. Só que este é o ateísmo radical. Não é um ateísmo postulatorio, agressivo. Mas é um ateísmo profundamente invasivo. Não se

confere pelo contacto com um pensamento ateu; sente-se pelo pulsar de toda uma vida atea, sem Deus.

7. Uma «vida atea» não se posiciona «contra» Deus; limita-se a remar «sem» Deus. Para Xavier Zubiri, uma «vida atea» não se afirma «contra nada nem contra ninguém». Afirma-se meramente «por si mesma»: na companhia dos seus fracassos e dos seus êxitos.

8. O certo é que este solipsismo existencial vai fazendo o seu caminho. São cada vez mais os que se resignam a permanecer «aposentados na sua vida». O seu horizonte parece ser mais a técnica do que a eternidade. A humanidade descobre-se «imersa na técnica, que quase não põe limites ao domínio da natureza pelo homem».

9. Não espanta, por isso, que o homem actual tenha dificuldade em aceitar «a ideia de um ser supremo». Sem se aperceber, ele coloca o divino ao nível do humano e coloca o humano ao nível do divino.

10. São muitos os que, hoje em dia, se comportam como «pós-crentes». Não negam. Até dizem que crêem. Mas vivem como se não cressem. Desistiram de Deus? Ainda bem que Deus não desiste de ninguém!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 25.07.2017

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Família n.º 288 – 5,00
- Família n.º 660 – 5,00
- Família n.º 298 – 10,00
- Família n.º 240 – 20,00
- Anónimo – 40,00
- Família n.º 915 – 50,00

TOTAL DA SEMANA – 130,00 euros

A transportar: 22.528,95 euros
Despesas até agora: 31.233,59 euros

PEREGRINAÇÃO ARCIPRESTAL À FRANQUEIRA – À semelhança de muitas outras actividades religiosas, também a peregrinação arciprestal à Franqueira foi suspensa. Tal suspensão implica a «arte» de encontrar alternativas celebrativas que dêem continuidade às belas tradições desde que não ponham em causa as regras a seguir no contexto da pandemia. Acima de tudo, impõe-se não pôr em risco a saúde pública.

Assim, a Confraria informa que a imagem de Nossa Senhora da Franqueira estará na última semana de Julho na paróquia de Rio Covo S.ta Eugénia e na primeira de Agosto na de Barcelos, como acontece todos os anos, dando assim oportunidade aos devotos de exprimirem o seu amor a Nossa Senhora.

NÃO HAVERÁ a tradicional peregrinação a pé. Mas haverá uma missa solene e campal presidida pelo sr. D. Nuno Almeida, bispo auxiliar, às 10.00 do dia 9, reservada a representantes das paróquias. A nossa paróquia estará representada pelo estandarte da Irmandade de Santa Maria Maior, levado por três elementos da Mesa administrativa.

A recepção à imagem, vinda de Santa Eugénia, acontecerá no sábado, 1 de agosto, às 21.30 no Largo do Município. Dali seguir-se-á um cortejo processional pela cidade, permitindo às pessoas que, nas suas próprias casas ou na rua, desde que mantenham a distância física, saudar e aclamar Nossa Senhora, que passa no carro dos bombeiros em marcha lenta. Ao longo da semana haverá a tradicional novena seguida da Missa, às 21.00 (segunda a sexta) ou 18.00 (sábado e domingo).

Pensa-se na hipótese de fazer preceder a partida da imagem de Nossa Senhora da celebração da Eucaristia pelas 8.00.

CONFRARIAS E IRMANDADES – Lembra-se e recomenda-se que procedam à apresentação de contas em assembleia de irmãos para as fazerem chegar à Cúria arquidiocesana.

SOL SEM FRONTEIRAS – AGRADECIMENTO

A ONG Sol sem Fronteiras que, no fim de semana passado, se apresentou no final das eucaristias celebradas na Paróquia e pediu ajuda para apoio da uma Escola em Nampula-Moçambique, agradeceu a generosidade de todos so que contribuíram e deu a conhecer os resultados angariados: «Realmente, a generosidade de todos foi bem visível, pois conseguimos angariar um bonito valor de 823,34 euros.

Obrigada por nos ter aberto as portas e recebido com toda a fraternidade e disponibilidade.

Se possível, gostaríamos que partilhasse com todos os paroquianos o valor angariado para o projeto «Inovação Educativa».

NOTA DA VIGARARIA GERAL

O REGRESSO (A)NORMAL À GENEROSIDADE

É muito bonita a forma como a Igreja se concebe depois do II Concílio do Vaticano. Repetem-se à saciedade expressões como «povo de Deus», «povo sacerdotal», comunidade crente, diversos na unidade; também se reforçam os conceitos de participação, corresponsabilidade, solidariedade.

Acreditamos hoje que a Igreja não são apenas os padres ou os bispos. Igreja somos todos nós. E acreditamos que a Igreja precisa de todos nós. É constituída e construída por todos nós.

Sendo válido quanto dito para todos os tempos, com maior acuidade para os que ora correm, cheios de dificuldades, por fragilidades sociais, por sobressaltos na saúde, por temores, por impedimentos vários.

Como sentimos forte o apelo de retorno à Igreja primitiva: vede como eles se amam... Punham tudo em comum... Ninguém passava por necessidades, pois contava com o apoio e socorro da comunidade. Eram um belo exemplo, os primitivos cristãos, razão do enorme sucesso apostólico que conheceram.

Claro que hoje muita coisa se estruturou. Também a caridade; ou a forma de os cristãos partilharem; ou o modo de a Igreja encontrar sustentabilidade; ou o modo de administrar e reunir proventos.

Assim, pede o atual Código de Direito Canónico que em todas as paróquias exista o chamado Fundo Paroquial. Para ele se devem canalizar todos os proveitos, todas as contribuições dos fiéis, todos os rendimentos que a Paróquia consiga arrecadar, na administração dos seus haveres, no exercício da sua atividade, aquando da celebração dos sacramentos, por doações espontâneas ou calendarizadas dos fiéis.

Deste Fundo Paroquial sairá o sustento de quantos se dedicam à paróquia no exercício do múnus sacerdotal, ou noutros serviços; sairá o necessário à conservação do património; também quanto se requer para a vida sacramental e de apostolado e para o exercício da caridade.

Como tudo isso é importante. Para algumas paróquias esta doutrina ainda encerra alguma novidade. Para outras, o seu harmonioso funcionamento está a permitir que a vida pastoral decorra com absoluta normalidade.

Por razões sobejamente conhecidas e que nos fazem rezar pelo fim do Covid 19, em muitas paróquias não decorreu na forma tradicional o contributo penitencial e o contributo quaresmal, a visita pascal... Daí que se estejam a notar algumas deficiências. Importa recordar as nossas obrigações e imaginar o que poderemos ou deveremos fazer. Temos consciência das múltiplas necessidades que afligem as nossas famílias. Acreditamos, porém, que algo poderá ser realizado para bem da comunidade. Com a ajuda de todos, conseguiremos corresponder aos apelos urgentes da evangelização.

Vamos então contribuir. Nem que seja pouco, se algo conseguirmos dar, não pequemos por omissão. E não sejamos injustos, permitindo que outros contribuam para nós, enquanto nós nos fechamos na avareza e egoísmo.

Mãos dadas, em enorme sentido de responsabilidade e solidariedade, há que suprir o que foi lacuna: até finais do mês de setembro, se não antes, todos os fiéis tomarão a preceito a contribuição para o Fundo Paroquial, nos moldes em que habitualmente o faziam.

Será este o caminho para o retorno à possível normalidade, no que diz respeito ao sustento de quem dele precisa, à manutenção do património que nos orgulha e acolhe, ao exercício do apostolado que nos impele, e à prática da caridade que nos engrandece.

Compense Deus a enorme generosidade dos nossos cristãos.

Cónego José Paulo Leite de Abreu